

## **O riso religioso e o riso da religião: representações midiáticas sobre espiritismo e umbanda<sup>1</sup>**

Grazyelle de Carvalho FONSECA<sup>2</sup>  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

**Resumo:** Este trabalho aborda as nuances entre o riso da religião e o riso religioso, buscando-se compreender como ambas perspectivas podem corroborar na construção de identificação e distinção. Ao atentar-se para duas formas distintas de produção audiovisual compreende-se o sistema de mídia dentro da perspectiva de que as mídias podem coexistir e convergir à medida em que seu uso ou função social são apropriados pela sociedade.

**Palavras-chave:** formas simbólicas de comunicação; humor; religião; convergência; poder simbólico

### **Introdução**

De acordo com Minois (2003), pode-se considerar que na Idade Média havia certa tolerância à derrisão / ao riso de zombaria enquanto que na Idade Moderna, ou após o Renascimento, as autoridades ficavam mais suscetíveis a este ato, tornando-se mais intolerantes ao riso referente ao sagrado e tudo aquilo que lhe diz respeito. Com isso riso é percebido com atenção, pois poderia ser uma arma de contrarreligião, a contar também que os confrontos religiosos evidenciaram as possibilidades de representação do riso ateu ou de desvio cético.

No que concerne ao contemporâneo, o discurso humorístico tem sido utilizado como recurso de ajustamento dos sentidos humanos às normas éticas e morais religiosas, embora sua história seja carregada da relação ambivalente e de complexa negociação com o religioso, na qual durante séculos fora propagada a concepção do riso como diabólico, blasfematório e antirreligioso. A religião, então, se aproximou do humor para reviver as

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT Comunicação e Religiões, do PENSACOM BRASIL 2017.

<sup>2</sup> Mestranda do Curso de História Social, PPGHS - UERJ, email: [grazyellecarvfonseca@gmail.com](mailto:grazyellecarvfonseca@gmail.com).

escrituras, diminuindo o afastamento entre o riso como característica baixa do espírito humano e as palavras divinas (MINOIS, 2003).

Após o século XX, o riso é melhor recepcionado, inclusive pela Igreja, cuja “sociedade humorística” redescobre o texto bíblico e atribui senso de humor a Deus. Sendo o riso utilizado a favor de um pressuposto apologético que busca atualizar a doutrina judaico-cristã conforme as perspectivas do tempo presente, evidenciando que a religiosidade também pode ser alegre. (Minois, 2003)

Portanto, o nexo de comicidade e a possibilidade / aceitabilidade do riso humano não é natural, é fruto do contexto espaço-temporal e a liberdade concedida para tal, pois, a causa do riso entre o referente e o receptor possui conexão intrínseca com a natureza histórica, nacional, social e pessoal, podendo haver inclusive diferentes tipos de humor e modos de explicitá-los de acordo com a camada social que lhe é inerente (PROPP, 1992). Isto é, o riso de uma época pode ser inacessível ou incompreensível em outras épocas. A partir disso, podemos considerar que também no caso do riso religioso a liberdade de contestação das escrituras ou da explicação mítico-religiosa e do nexo que faz um seguidor de uma determinada doutrina rir dependerá do contexto histórico.

Assim, compreendemos estas representações do religioso através do humor audiovisual, com base na concepção de representação proposta por Stuart Hall: cujo autor compreende a representação enquanto uma parte essencial do processo pelo qual se produz significado e realiza-se trocas entre membros da cultura. Sendo, portanto, a produção de significados e conceitos através das linguagens conectores de imaginários e do “real” a objetos, pessoas e eventos (HALL, 1997). Com base nisso, o riso correlacionado à religião busca atribuir valor moral, podendo estabelecer conexões com o processo de sistematização e moralização das práticas religiosas em relação à estrutura social e a de representações mítico ou religiosas (BOURDIEU, 2015), bem como estabelecer uma crítica a esses costumes.

Desta maneira, tal reflexão acerca das nuances entre o riso religioso e o riso da religião, especificamente voltados para as religiões que lidam com os espíritos, busca atentar-se para a relação conflituosa e ambivalente do riso e da religião sob o ponto de vista das religiões que possuem um histórico no Brasil de associação e distinção em relação ao catolicismo. Sendo, portanto, uma condição de hierarquização religiosa entre

aquilo que é sagrado e profanador, como também, de representação das religiões que estão em permanente negociação no conflituoso campo religioso em relação ao cristianismo.

Sendo assim, quais as nuances entre o riso religioso e o riso da religião? Como podem corroborar para a construção de identificação e distinção? Trabalhamos com a premissa de o riso possui diversas nuances, desde a expressão de alegria, de ridículo até de tristeza, e pode ser usado para a função de ajustes dos costumes. Sendo considerado enquanto uma lição educadora, o riso pode ser compreendido como uma punição para o desvio, para um defeito mesquinho que está latente ou se manifesta repentinamente no indivíduo (PROPP, 1992). Com isso, buscamos compreender a produção e a inserção das formas simbólicas de comunicação na estrutura do campo religioso no tempo presente, atentando-se para as relações entre o riso e a atribuição de valor moral na religiosidade, bem como, o senso comum e o riso.

### **Religiosidades que lidam com a questão dos espíritos: distinção e associação ao cristianismo**

Com base em Bourdieu (2015), podemos observar que no caso das distinções entre as diferentes manifestações que lidam com os espíritos, bem como em suas respectivas relações com o cristianismo, tratam-se das funções de associação e dissociação ou distinção. De acordo com o autor, tais funções ocorrem em todo sistema simbólico e na religião, nas quais um sistema de práticas e crenças será destinado à classificação como magia ou feitiçaria, sendo classificado como religião inferior.

Assim, para que a religião possa ser considerada como superior nesse jogo de forças simbólicas dependerá da posição que ocupa na estrutura. Ou seja, precisa ser, ou buscar ser, dominante no sistema de práticas e crenças na formação social, o que envolverá o jogo com os diferentes poderes, inclusive, o simbólico. Do contrário, ela será uma prática ou crença dominada:

Toda prática ou crença dominada está fadada a aparecer como profanadora na medida em que, por sua própria existência e na ausência de qualquer intenção de profanação, constitui uma contestação objetiva do monopólio da gestão do sagrado e, portanto, da legitimidade, dos detentores deste monopólio. Na verdade, a sobrevivência constitui sempre uma resistência, isto é, a expressão da recusa em deixar-se

desapropriar dos instrumentos de produção religiosos. (BOURDIEU, 2015, p. 46)

Assim, este processo de distinção e associação também faz parte da construção de identidade e identificação. Na qual, segundo Hall (2000), a construção de identidade / de identificação é produto de uma de uma relação discursiva, que envolve o contexto histórico e institucional determinado. Com isso, ela também é fruto da marcação da diferença e da inclusão, envolvendo relações de poder, bem como, ação e reação no jogo de forças. Portanto, a construção identitária ocorre a partir da diferença, na relação de exterioridade entre o “eu” e o outro, entre o indivíduo e o coletivo.

No caso da umbanda, ao longo da história desse processo de associação e distinção, ora será compreendida enquanto “macumba”, prática que visa prejudicar terceiros, ora, buscará associar elementos da doutrina espírita “kardecista” de forma a aproximar-se dos princípios morais cristãos, buscando considerar a questão da evolução espiritual e da caridade. Todavia, os princípios de caridade são apropriados com base nos valores da cultura religiosa negra, cujos valores da moralidade cristã foram agregados de modo que permanecessem e se expandissem enquanto culto religioso (NEGRÃO, 1996). Por conseguinte, o espiritismo “kardecista” apresentou a característica de cristianismo redivivo, isto é, compreendeu-se como ruptura e renovação do cristianismo, onde as ideias de reencarnação e carma, apropriadas do hinduísmo, compõem o motor do progresso e evolução do ser humano no mundo. (LEWGOY, 2008).

Tal processo é similar ao que Bourdieu analisa acerca das negociações entre cultura camponesa, que lida com os rituais mágicos e populares, e a cultura eclesiástica, detentora de uma ritualística sistematizada e racionalizada conferindo aos ritos e mitos populares novos sentidos e valores que dizem respeito aos interesses da ideologia religiosa dominante:

“Festas litúrgicas folclorizadas”, como as “negociações”, ritos pagãos integrados à liturgia comum, santos investidos de propriedades e funções mágicas etc. – que constituem a marca das concessões que os clérigos devem fazer às demandas profanas, ainda que não tivessem outro intuito senão o de afastar das solicitações concorrentes da feitiçaria os clientes que com certeza perderiam caso procedessem a uma “atualização”. (BOURDIEU, 2016, p. 68)

A respeito da autonomia de expressões religiosas de matrizes não-cristãs no Brasil, conforme Montero (2006), o deslocamento do catolicismo da esfera política para

a esfera social durante o processo de constituição do Estado moderno acarretou conflitos intensos, bem como sua restrição das formas de manifestações públicas. Desta maneira, a constituição das religiosidades que lidam explicitamente com a questão dos espíritos se relaciona com um jogo de forças simbólicas e políticas de legitimação social e definição do que é mágico e profanador: “as fronteiras institucionais que distinguem as religiões não-católicas entre si resultam de um processo histórico de alianças e conflitos entre atores religiosos e não-religiosos” (MONTERO, 2006, p.50).

Neste sentido, este trabalho analisa dois tipos de mensagens: de um lado, o riso da religião representado na mensagem televisiva do quadro “Galinha Preta Pintadinha” voltada para um público heterogêneo; de outro, o riso religioso representado na mensagem audiovisual circulada no YouTube, através dos canais “Papo da Banda” – que se propõe enquanto um canal de trocas entre umbandistas e para a desmistificação da umbanda – e, por fim, o “Canal Amigos da Luz” – criado com o objetivo de produzir reflexão em seguidores da doutrina espírita “kardecista” e simpatizantes. Ao atentarmos para duas formas distintas de produção audiovisual, buscamos compreender o sistema de mídia dentro da perspectiva de que as mídias podem coexistir e convergir à medida em que seu uso ou função social são apropriados pela sociedade, envolvendo competição, imitação e até complementação, podendo envolver a participação ativa dos consumidores (BRIGGS e BURKE, 2009; JENKINS, 2009).

### **“Galinha Preta Pintadinha”: o riso da religião na mensagem televisiva**

O quadro “Galinha Preta Pintadinha”, do programa “Tá no Ar” da Tv Globo, é uma paródia da animação infantil “Galinha Pintadinha”. Tal quadro faz referência à galinha preta associada aos despachos dos rituais afro-brasileiros, bem como, é lançado mão de referências a nomes e objetos utilizados na ritualística, tais como: atabaque, rosa vermelha, nomeia a entidade ou espírito como “santo” e assim por diante. Além da Galinha Preta, há outros personagens: “Saravaca” – representada por uma vaca, realizando um trocadilho com a palavra saravá –; “Erefante” – um elefante com traços infantis, representando um erê (espírito de criança); “Pombinha Gira” - uma pomba; e, por fim, “Bodespacho” – um bode. Ademais, há a versão evangélica, “Galinha

Convertidinha” junto com as personagens “Cãozinho Pastor” e “Ovelhinha de Jesus”, e a versão mulçumana, “Galinha Mulçumana Pintadinha”.

A priori, o quadro fora projetado para televisão, visando um público heterogêneo, todavia, seu acesso atualmente pode ser realizado através da plataforma digital GloboPlay. Tal possibilidade de acesso trata-se de uma forma de convergência entre o meio televisivo e o digital. Conforme Jenkins (2009), o processo de convergência seria um fluxo de conteúdo que envolve diferentes suportes midiáticos, bem como, de uma atitude migratória dos consumidores das formas simbólicas de comunicação que as acessam e as procuram de lugares distintos, a fim de obter as experiências de entretenimento desejadas.

Assim, para o autor, o termo convergência diz respeito tanto a transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais ou sociais, dependendo do contexto social e do assunto abordado. Tratando-se de uma relação intrínseca com o circuito comunicativo da mensagem de produção, circulação, transmissão e recepção da mensagem. Sendo os consumidores agentes que “são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos midiáticos dispersos” (JENKINS, 2009, p. 28).

Tais conteúdos audiovisuais tratam-se, ainda assim, de mensagens voltadas para um amplo público, com caráter heterogêneo e que lida com estereótipos. Porém, mesmo na recepção televisiva, é sabido que a recepção não é um processo acrítico e que é carregada de valoração e apropriação da mensagem para o cotidiano. De acordo com Thompson (2008), o receptor da mensagem não é parte de um intercâmbio comunicativo recíproco, todavia, é integrante de um processo estruturado de transmissão simbólica, podendo intervir e contribuir com conteúdo.

Com isso, observamos que no quadro de 10 de abril de 2014, o ator Marcelo Adnet interpreta um personagem militante, falando com a câmera e tecendo críticas contra a Rede Globo de televisão. Simulando um espaço para a interferência e diálogo com o receptor da mensagem, colocando-o enquanto um receptor ativo da mensagem:

Esta cena que acabamos de assistir é um verdadeiro absurdo, é mais um capítulo do desrespeito da Rede Globo com as religiões africanistas constitucionalmente estabelecidas em um país laico, um país sincrético. E a Rede Globo, como sempre, em seu movimento retrógrado às

tendências mundiais, acaba por marginalizar esta religião absolutamente brasileira.<sup>3</sup>

Neste caso, como temos visto, a convergência midiática tem contribuído para que o processo assimétrico da comunicação entre grandes conglomerados de mídia e uma ampla gama de receptores possa estabelecer uma certa relação mais evidente e ativa, embora, assimétrica. Como também, neste processo de convergência, é possível compreender que grandes corporações – ou indivíduos que representam estas corporações – podem exercer maior poder simbólico no ambiente virtual que grupos ou consumidores individuais, levando-se em consideração não somente o valor simbólico como também o valor econômico que envolve as relações de legitimidade e reconhecimento no processo de troca de formas simbólicas.

No caso da paródia “*We are the ovo*”<sup>4</sup>, de 05 de abril de 2016, referente à música “*We are the World*”, de Michael Jackson e Lionel Richie, observamos que há um apelo pelo discurso da laicidade e pela tolerância religiosa. Desta forma, representa-se uma granja com galinhas mulçumana, budista, hinduísta, católica, protestante, judaica e de religiosidade de matriz afro-brasileira – não ficando explícito neste caso se era uma representação da umbanda ou do candomblé. Iniciando-se a música com o seguinte trecho:

A granja é laica  
E garante a todos nós  
Liberdade de escolher a religião  
Somos todas iguais  
Cada uma com sua fé, em paz  
Cacarejando em uma só voz

Vê-se, portanto, um apelo pelo pluralismo religioso e pela consciência pacífica. No que condiz à história do Brasil e a possibilidade de uma “tolerância religiosa”, conforme Montero (2006), na constituição do Estado moderno brasileiro, as buscas pela tolerância e pela liberdade de culto religiosas não foram necessariamente parte do fundamento de discussões a partir do momento em que a Igreja Católica deixou de ser constituinte do poder político. Pelo contrário, resultaram das negociações com o deslocamento para a esfera social. Assim, a matriz cristã influenciou demasiadamente

---

<sup>3</sup> Transcrição do material audiovisual referente a 10 de abril de 2014, do quadro “Galinha Preta Pintadinha”, disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/3274139/>.

<sup>4</sup> Ver: Galinha preta pintadinha – we are the ovo <https://globoplay.globo.com/v/4936746/>

para que as religiões que lidam com o transe espiritual fossem concebidas como questões demoníacas e ruptura patológica da condição psíquica humana.

Assim, mesmo se propondo enquanto algo externo do religioso e apenas como um humor de entretenimento, abordam-se elementos da ritualística que dão margem para a discussão do que é sagrado e profano, do que é magia. Inclusive, os animais que são utilizados nos rituais são humanizados. A título de exemplo é comum enfatizar questões tais como: acender vela para o santo, preparar “ebó” para o orixá, cantiga que diz “o trabalho separou seu avô da sua avó”, matar o bode porque o exu quis, “xô quizila, axé saravá”. A comicidade, portanto, apresenta causas tanto sociais como de costumes, através das quais a explicitação elementos / características que são diferentes entre grupos divergentes, ou até no interior de um mesmo grupo, pode ser objeto de zombaria e riso (PROPP, 1992).

Desta forma, historicamente, o uso termo “macumba”, por exemplo, está atrelado à conotação relativa à desagregação social sofrida pelas pessoas negras após o fim da sociedade patriarcal, cujo transe se relaciona com a mitologia de origem africana. Sendo que tal saber é controlado por um grupo social majoritariamente negro e das classes mais subalternas, relacionando-se também com as questões de frustrações e ressentimento que podem levar à prática de magia (GIUMBELLI, 1997).

Para Montero, a coletividade e nossa consciência individual estão carregadas de concepções que dissociam, de um lado, a religião e a verdade e, de outro, a magia e a feitiçaria. Sendo, portanto, parte da tradição cristã que ainda mantém seus códigos morais na base da esfera pública brasileira, tornando-se possíveis de serem representados nas trocas sociais do campo religioso, como na esfera social.

### **Papo da Banda e Canal Amigos da Luz: o riso religioso no YouTube**

O material audiovisual disponibilizado no YouTube é decorrente da produção, circulação e recepção da mensagem que alia um baixo custo de experimentação com uma base ampla de usuários. Neste sentido, com baixo custo pode-se alcançar um número elevado de consumidores da mensagem religiosa, bem como, relacionar-se com nichos cujos participantes da plataforma podem pôr em prática suas ideias sem necessidade de



pedir autorização para circulação de material com valor ordinário ou pessoal produzidos pelos próprios participantes (SHIRKY, 2011).

Conforme Burgess e Green (2009), o YouTube pode ser compreendido como empresa de mídia que funciona tanto como agregador de conteúdo, tanto como uma plataforma de compartilhamento de vídeos online e site de rede social virtual, embora não seja necessariamente o produtor das mensagens que são difundidas através dele. Desempenhando, então, a função de mantenedor, destinando parte da receita dos anúncios para os produtores com muitas visualizações, como também impulsionando os vídeos.

Desta forma, ambos os canais, por terem vídeos produzidos por seguidores das doutrinas espírita e umbandista – e não necessariamente ideólogos, tal como um corpo sacerdotal que prega nos púlpitos – dialogam também com uma forma de expressão religiosa individual, reflexiva e interiorizada, que preza pela razão e livre-arbítrio. No caso do canal umbandista “Papo da banda”, o conteúdo é voltado para a desmistificação da umbanda, cujos vídeos são simples com conversa com a câmera e números de *stand up comedy*. Quanto ao canal espírita “Canal Amigos da Luz”, as produções são encenadas com atores profissionais – inclusive, parodiando novelas mexicanas, programas de auditório e há *live stream*<sup>5</sup> estudando a doutrina espírita.

## **1. Humor espírita: Canal Amigos da Luz**

Em uma das paródias realizadas pelo “Canal Amigos da Luz”, denominada “*Livre Arbítrio Show*”<sup>6</sup>, publicada em 21 de outubro de 2017, reconhece-se que é o próprio indivíduo quem constrói o futuro a partir das escolhas realizadas e que, embora haja orientação espiritual, a concepção de destino traçado não existe. Este vídeo realiza uma paródia dos programas nos quais o participante utiliza um fone de ouvido e, sem escutar a proposta, diz “sim” ou “não”, enquanto que o narrador possui voz semelhante ao apresentador Silvio Santos. Como se trata de uma mensagem humorística com conteúdo doutrinário, os fones de ouvido são chamados de tampão do orgulho, através do qual o mau uso do livre arbítrio prejudica a própria vida, deixando coisas para consertar na

---

<sup>5</sup> Transmissões online através do próprio YouTube.

<sup>6</sup> Ver: AMIGOS DA LUZ, “Livre arbítrio show” <https://youtu.be/vUB4PszmYzU>

próxima reencarnação. “Por isso, é preciso estar vigilante e antenado com nossos amigos do alto para que o orgulho não nos impeça de fazer o melhor uso possível dessa ferramenta tão poderosa do espírito: o livre arbítrio”<sup>7</sup> (CANAL AMIGOS DA LUZ, 2017).

Esta demanda pelo livre-arbítrio e pela autonomia do sujeito em lidar com sua espiritualidade e forma de agir na vida, como também, o reconhecimento de se estar vivendo um momento de transição planetária pode ser relacionado com o movimento Nova Era ou New Age. Tal movimento integra aspectos da modernidade religiosa e da tradição, trazendo o religioso para o espaço público e para as tecnologias de informação, ao mesmo tempo em que trabalha com a psicologização da religião e reflexividade. Sendo muito diversificado, o Nova Era abarca tanto espiritualistas, paracientíficos e seculares, cabendo, inclusive, um retorno à síntese entre ciência e religião. (D’ANDREA, 2000)

Para Lewgoy (2008), o espiritismo sofreu um processo de *brasilianização* que foi exportado para mais de trinta países. A *brasilianização* do movimento espírita não diz respeito à origem mítica e pura do Brasil, tal como ocorre nas religiões de matrizes africanas – onde há espíritos indígenas, caboclos e divindades que teriam governado o ar, o fogo, o mar etc. –, mas da busca pela história do espiritismo no Brasil. Englobando, portanto, o modelo federativo da Federação Espírita Brasileira (FEB), a forma de funcionamento das casas espíritas e o patrimônio bibliográfico brasileiro. Neste sentido, estabelece-se um laço espiritual entre a origem brasileira e a universalização do movimento.

À vista disso, o espiritismo, enquanto uma religiosidade letrada e composta por seus componentes humanos intelectualizados, está atento às demandas sociais de seu tempo, utilizando formas simbólicas de comunicação para representar o seu cotidiano e o simbolismo religioso que é fruto interpretações dos sujeitos. Empregando, assim, um conjunto de regras e procedimentos de codificação e decodificação dos produtos de comunicação, a fim de exprimir e interpretar as ações e discursos que fazem parte do imaginário e da identidade coletiva do universo espírita.

Embora o seu capital religioso, isto é, a acumulação simbólica religiosa (BOURDIEU, 2015), não fique somente concentrada nas mãos de poucos, pois a proposta da FEB é que haja um estudo sistematizado nas casas espíritas, é um processo que demanda tempo e dedicação do espírita. Assim, primeiramente, o próprio sujeito e sua

---

<sup>7</sup> Descrição do vídeo “Livre Arbítrio Show”, publicado em 21 de outubro de 2017.

construção identitária em relação ao outro seria uma forma de prosélito doutrinário, por outro lado, o trabalho audiovisual na internet seria uma maneira de alcançar mais pessoas.

Neste sentido, visto que o proselitismo do espiritismo abrange um menor número de pessoas e que a própria forma de doutrinação não ocorre por meio da abordagem nas ruas, a internet tem sido uma alternativa de baixo custo para a viabilização e mediação da problematização, do diálogo e da representação dos sistemas de crenças e identidades criados pelos sujeitos espíritas. Como também, resulta de uma preocupação desde os escritos de Kardec quanto à publicidade do espiritismo<sup>8</sup>, possibilitando que a mensagem doutrinária seja divulgada para um amplo e heterogêneo público, a qualquer momento e com poucos recursos financeiros.

## **2. Humor umbandista: Papo da Banda**

No que diz respeito ao canal umbandista “Papo da Banda”, busca-se desmistificar a umbanda a partir de uma fala descontraída e até mesmo com vocabulário chulo. Embora a umbanda não seja uma religião apostólica e de pregação, sendo de predominância oral e sem sistematização escrita (FERRETI, 2008), os vídeos na internet são utilizados como forma de preservação do conhecimento de certos conteúdos orais da umbanda a partir de diversos canais.

Conforme explicita Ferreti (2008), os ritos das religiões afro-brasileiras, inclusive a umbanda, são caracterizados pela relação entre a força da natureza e a entidade, sendo essencialmente religiões de êxtase e transe cujo médium fica em estado especial de consciência. Entretanto, o transe com os espíritos recém-desencarnados ou que foram renomados na vida terrena não é tão frequente quanto no espiritismo “kardecista”, embora possa ocorrer. Com base nisso, observamos que o criador do “Papo da Banda”, Paulo Mansur, defende que a umbanda é muito distinta dos anúncios colados nas ruas que prometem amarração, magia, que cobram consultas, pois a umbanda deve ser gratuita,

---

<sup>8</sup> Em “Obras póstumas”, por exemplo, Kardec argumenta que “uma publicidade em larga escala, feita nos jornais mais divulgados, levaria ao mundo inteiro, e até aos lugares mais recuados, o conhecimento de ideias espíritas, faria nascer o desejo de aprofundá-los [...]” (p. 240, 2008).

não praticar o mal e trabalhar somente em prol da caridade. Tal como, é uma religião monoteísta, que somente possui um Deus criador de todas as coisas.<sup>9</sup>

À vista disso, intercalando com piadas do cotidiano, aborda-se em um vídeo as cinco coisas que nenhum umbandista deveria fazer: 1) acender vela dentro de casa sem motivo, pois somente deve ser feita com pedido da entidade; 2) não reservar tempo para conversar com a entidade guia; 3) ter atritos com outras pessoas no terreiro, pois atrapalha a sintonia; 4) fazer oferenda de qualquer jeito e sem o pai-de-santo, pois está se estruturando um polo energético entre a tríade alimento, energia pessoal e entidade – ela também não pode ser feita por motivo de raiva ou inveja; 5) ter pressa para saber quem é a entidade / orixá que rege a cabeça, pois tal conhecimento necessita de preparação e de criação de uma laço energético de amor.<sup>10</sup>

Assim, como pode ser percebido, há preocupação de dissociação entre a concepção da ritualística da umbanda e magia, bem como, busca-se evidenciar a questão da caridade e evitar sentimentos de raiva e inveja que possam acarretar em feitiços. Tem-se subentendida a noção de livre-arbítrio, onde o que faz mal para um pode ser bom para o outro, porém, pode acarretar serias consequências. Embora não fique explícita a questão dualística entre mal e bem, os praticantes têm, ou devem ter, o conhecimento moral do que é certo ou errado. (FERRETI, 2008)

Segundo Negrão (1996), a umbanda não é somente uma relação de prática entre o pai-de-santo e o cliente – ou filho-de-santo –, mas relações carregadas de conteúdo moral. Assim, os terreiros são constituídos de relações de que controlam a moralidade, bem como, há relações familiares e de amizade. Geralmente, há o discurso de que os pais-de-santo, ou mães-de-santo, apenas desfazem trabalhos de espíritos são doutrinados feitos por pessoas que buscaram causar males a outrem.

Desta maneira, o trabalho desses intermediários espirituais seria defendido enquanto cura e ajuste dos problemas. Porém, ainda assim, as suspeitas e acusações mútuas quanto à prática de feitiço e magia fazem parte do jogo de percepção e performance nesta relação: “como a maior parte dos males que os atingem é interpelada

---

<sup>9</sup> Ver: Papo da Banda – as top 5 coisas que nenhum umbandista devia fazer  
[https://youtu.be/OCJWYXC\\_XCo](https://youtu.be/OCJWYXC_XCo)

<sup>10</sup> Ver: Papo da Banda – top 5 coisas que você não sabe sobre a umbanda <https://youtu.be/RLaD56DvH18>

dentro dos quadros da prática de feitiçaria, todo pai de santo é um feiticeiro em potencial aos olhos dos pares e da clientela em geral” (NEGRÃO, 1996, p. 83)

Ademais, esta busca pela dissociação da umbanda em relação à magia e ao charlatanismo está correlacionada o imaginário coletivo que atravessa a história das práticas dos grupos que lidam com a questão dos espíritos no Brasil, através da qual, muitas vezes, havia associação da expressão “alto espiritismo” para o “kardecismo” e “baixo espiritismo para as religiões de matrizes afro-brasileira. De acordo com Giumbelli (1997), tal o uso destas expressões é, de certa forma, datado e intrinsecamente associado à criminalização das práticas que lidavam com a questão dos espíritos e realizavam sessões de cura. Especificada no código penal de 1890, a criminalização do “baixo espiritismo” considerava-o enquanto ações que pudessem tirar proveito pecuniário do consulente ou causar mal a terceiros. Desta maneira, “macumba”, “magia negra”, umbanda e candomblé poderiam ser compreendidos enquanto ações ritualísticas semelhantes que buscavam explorar o outro e causar prejuízos.

### **Considerações Finais**

O humor religioso e o humor da religião possuem distinções: no primeiro, busca-se transmitir conteúdo doutrinário, construir identidade, questionando estigmas; o segundo, é externo ao religioso, trabalha com o reforço de estereótipos do senso comum. Logo, tratam-se de abordagens diferentes: o uso do YouTube volta-se para um nicho de determinadas práticas religiosas, enquanto que a produção de formas simbólicas da televisão está voltada também para a ironizar o “politicamente correto”, isto é, cuja “a transgressão de ideais coletivos é percebida como defeito e a descoberta dele [...] suscita o riso” (PROPP, p.60), como forma de defender a laicidade do espaço público.

De certa maneira, tais formas simbólicas de comunicação lidam e podem ser atravessadas pela perspectiva do senso comum que compreende a umbanda, o candomblé e o “kardecismo” como se fossem as mesmas experiências religiosas por se tratarem de religiosidades que acreditam na possibilidade de comunicação com os espíritos. E esta percepção pode ser mais evidente quando se trata de uma mensagem com um conteúdo mais heterogêneo – como no caso televisivo –, por outro lado, os canais produzidos de forma independente por seguidores das doutrinas assumem uma perspectiva de

desmistificação do senso comum e defesa do religioso. Todavia, é preciso levarmos em consideração que o campo religioso envolve disputas e até mesmo considerações que dizem respeito à classificação do espiritismo como mais puro e o candomblé e a umbanda como mais baixos, relativos à feitiçaria e inferiores.

## **REFERÊNCIAS**

- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- BRIGGS, Asa, BURKE, Peter. **Uma história social da mídia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- BURGESS, Jean; GREEN, Joshua. YouTube e a revolução digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade. São Paulo: Aleph, 2009.
- D'ANDREA, Anthony Albert Fischer. **O self perfeito e a Nova Era: individualismo e reflexividade em religiões pós-tradicionais**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- FERRETI, Sergio F. Religiões afro-brasileiras e pentecostalismo no fenômeno urbano. In: BATISTA, P; PASSOS, M.; SILVA, W. T. (orgs.). **O Sagrado e o urbano**. Diversidade, manifestações e análise. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 109-126.
- GIUMBELLI, Emerson. **O cuidado dos mortos: uma história da condenação e legitimação do espiritismo**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.
- HALL, Stuart. The work of representation. In: HALL, Stuart (ed.). **Representation: cultural representations and signifying practices**. London: The Open University, Sage Publications, 1997.
- HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- JENKINS, Henry. **Cultura da convergência: a colisão entre os velhos e os novos meios de comunicação**. São Paulo: Aleph, 2009.
- LEWGOY, Bernardo. A transnacionalização do espiritismo kardecista brasileiro: uma discussão inicial. In: **Religião e Sociedade**. Rio de Janeiro, 28 (1): pp. 84 – 104, 2008.
- MINOIS, George. **História do riso e do escárnio**. São Paulo: Editora Unesp, 2003.
- MONTERO, Paula. Religião, pluralismo e esfera pública no Brasil. In: **Novos Estudos**, 79, março de 2006.
- NEGRÃO, Lísias. Magia e religião na umbanda. In: **Revista USP**, São Paulo (31): 76 – 89, setembro / novembro, 1996.
- PROPP, Valdimir. **Comichidade e riso**. São Paulo: Ática, 1992.

SHIRKY, Clay. **A cultura da participação: criatividade e generosidade no mundo conectado**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. (ebook)

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Vozes, 2008.

### **Referências documentais:**

Canal Amigos da Luz. Disponível em: <https://www.youtube.com/user/CiaAmigosDaLuz> (último acesso em outubro de 2017).

Canal Papo da Banda. Disponível em: [https://www.youtube.com/channel/UCzRVgX4Ej\\_YyklFo7jaB-qQ](https://www.youtube.com/channel/UCzRVgX4Ej_YyklFo7jaB-qQ) (último acesso em outubro de 2017).

REDE GLOBO. Galinha Preta Pintadinha. Tá No AR. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/ta-no-ar-a-tv-na-tv/p/8053/> (último acesso em outubro de 2017).